

# Travessia do Sertão: refazendo a viagem de Spix e Martius de 1818

[ *Crossing the Backlands: remaking Spix and Martius' journey in 1818* ]

Willi Bolle<sup>1</sup>

Eckhard E. Kupfer<sup>2</sup>

**RESUMO** • Por ocasião do bicentenário da viagem dos naturalistas alemães Spix e Martius pelo Brasil (1817-1820), dois pesquisadores e dois cineastas refizeram, em julho de 2018, um trecho daquela expedição: a travessia do sertão de Minas Gerais até a fronteira com Goiás e com a Bahia. O principal objetivo foi estudar as continuidades e as mudanças ocorridas ao longo desses 200 anos. Estes foram os lugares visitados: 1) o distrito das Minas Novas; 2) o sertão, do rio Jequitinhonha via Montes Claros e Brasília de Minas até o rio São Francisco; 3) a cidade de Januária e o Parque Nacional do Peruaçu; 4) a Serra das Araras e a Chapada Gaúcha; 5) o caminho, via Ribeirão dos Bois, rio Carinhanha e Parque Nacional Grande Sertão Veredas, até a fronteira com Goiás; 6) a volta até o rio São Francisco, nas cidades de Carinhanha e Malhada. • **PALAVRAS-CHAVE** • Viagens e explorações científicas; Spix e Martius; viagem pelo Brasil. • **ABSTRACT** • Commemorating the

bicentenary of the Journey in Brazil (1817-1820) of the German naturalists Spix e Martius, two researchers and two cameramen remade in July 2018 a segment of that expedition: crossing the backlands of Minas Gerais up to the frontiers with Goiás and Bahia. The main purpose was to study the continuities and the changes which occurred during these 200 years. The visited places were: 1) the district of Minas Novas; 2) the backlands, from the river Jequitinhonha through Montes Claros and Brasília de Minas, up to the river São Francisco; 3) the city of Januária and the National Park of the Caverns of Peruaçu; 4) the Serra das Araras and Chapada Gaúcha; 5) the route, through Ribeirão dos Bois, rio Carinhanha and National Park Grande Sertão Veredas, up to the frontier with Goiás; 6) the return, back to the river São Francisco, at the cities of Carinhanha and Malhada. • **KEYWORDS** • Scientific journeys and expeditions; Spix and Martius; journey in Brazil.

Recebido em 14 de janeiro de 2019

Aprovado em 2 de abril de 2019

BOLLE, Willi; KUPFER, Eckhard E. Travessia do Sertão: refazendo a viagem de Spix e Martius de 1818. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 72, p. 19-46, abr. 2019.



DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi72p19-46>

1 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

2 Instituto Martius-Staden (São Paulo, SP, Brasil).

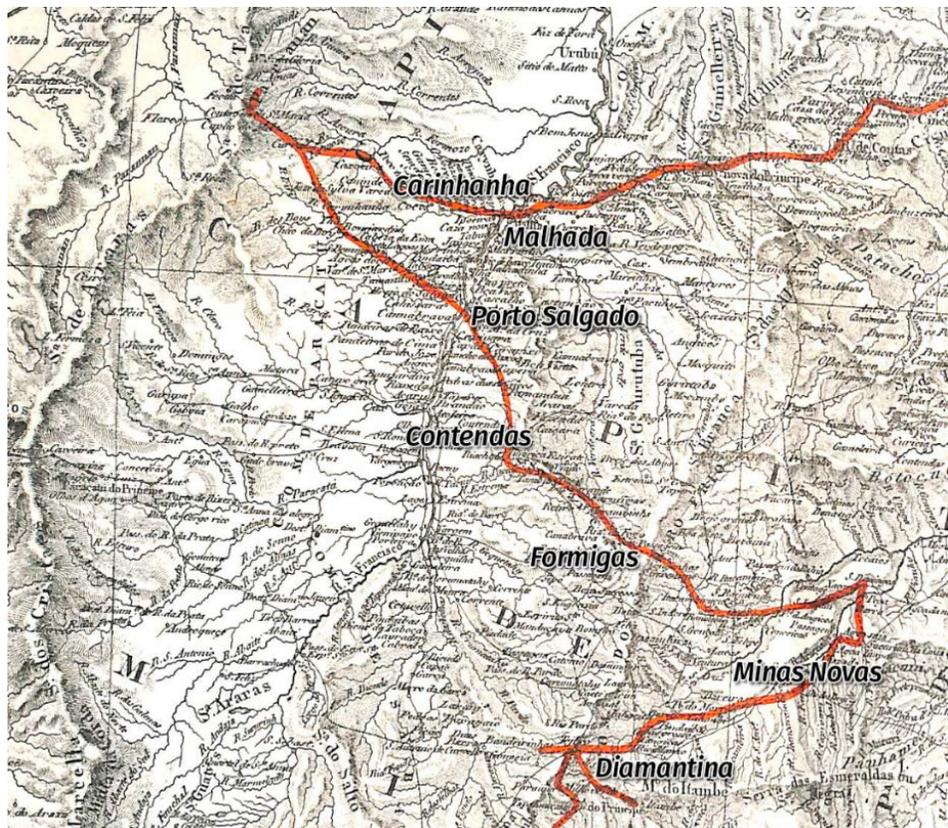
A qualidade específica do gênero relato de viagem, como mostra a obra do viajante e cientista de renome internacional Alexander von Humboldt (1980), que pesquisou os principais países da América espanhola nos anos 1799 a 1804, consiste em relacionar a apresentação de informações científicas, destinadas aos especialistas, com temas interdisciplinares e de interesse público geral. Essa é também a característica do relato *Viagem pelo Brasil, 1817-1820*, dos naturalistas alemães Spix e Martius (2017), que tomaram Humboldt como modelo e deixaram como legado uma obra que pode ser considerada o livro mais importante em língua alemã sobre o Brasil (SPIX; MARTIUS, 1980), e que foi também um estímulo para a formação da literatura brasileira (SÜSSEKIND, 1990).

Quanto ao contexto histórico daquela viagem, lembramos que a vinda de pesquisadores estrangeiros para o Brasil costumava ser proibida por Portugal nos tempos da colônia – em 1800, por exemplo, Alexander von Humboldt foi impedido de entrar no país. A contribuição de estudiosos forasteiros passou a ser considerada vantajosa pelo governo depois de este ter se deslocado, em 1808, de Lisboa para o Rio de Janeiro. Assim, em 1817, por ocasião do casamento da princesa Leopoldina de Habsburgo com o futuro imperador Dom Pedro I, uma comitiva de cientistas austríacos e bávaros foi convidada a vir para o Brasil. Integravam essa comitiva o zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Carl Friedrich Philipp von Martius, que realizaram, de meados de 1817 até meados de 1820, uma extensa e detalhada viagem de pesquisa na Região Sudeste, nos sertões e na Amazônia (LISBOA, 1997; 2018; e DIENER; COSTA, 2018).

Os viajantes não se limitaram a observações nos campos específicos da zoologia e da botânica, mas informam também sobre a geografia física e humana, a história, as atividades econômicas, e sobre os habitantes com seus costumes, sua cultura cotidiana e sua vida social. Com suas observações sobre a fitogeografia do Brasil, os dois naturalistas foram pioneiros na definição dos biomas da Mata Atlântica, do Cerrado e da Caatinga, que constituem, juntamente com a Floresta Amazônica, o Pantanal e os Pampas, os seis grandes biomas do país (PÁDUA, 2009; 2018). Pelo estilo de escrita e por meio das estampas que acompanham o texto (cf. o “*Atlas*” ou *Tafelband*), o relato da viagem ganha também uma dimensão estética, que estimula o leitor a *sentir* os ambientes da natureza e da cultura sertaneja. Além disso, o que

confere ao texto dos dois naturalistas uma atualidade especial, considerando as tragédias ambientais ocorridas no distrito de Mariana (2015) e em Brumadinho (2019), são suas advertências sobre os perigos da mineração excessiva em Minas Gerais e sobre a necessidade de preservar o meio ambiente do Cerrado.

Para relembrar a importância da viagem de Spix e Martius, por ocasião do seu bicentenário, propusemo-nos como projeto de pesquisa refazer, juntamente com dois cineastas, Felipe Delfino e Gustavo Tonetti, um dos trechos mais importantes daquela expedição: uma parte central do sertão (Figura 1). A nossa equipe atravessou de carro, em julho de 2018, o norte de Minas Gerais, em dois segmentos: I) de Diamantina, via Minas Novas e Montes Claros, até Januária (Figura 2); e II) de Januária até a fronteira com Goiás e, de lá, até Carinhanha e Malhada, na fronteira com a Bahia (Figura 10). Nessa nossa retomada do percurso de Spix e Martius, o principal objetivo foi observar as continuidades e as mudanças ocorridas durante esses 200 anos. E, com isso, verificar em que consiste a contribuição específica dos dois viajantes para o conhecimento do sertão como região geográfica central do Brasil. Quanto à forma desta apresentação, nós também resolvemos nos filiar ao gênero do relato de viagem, mesclando informações científicas com temas interdisciplinares e de interesse geral. Além de utilizar como base de pesquisa as informações de Spix e Martius, incorporamos vários depoimentos dados por habitantes atuais do Sertão, que registramos em entrevistas feitas ao longo do percurso.



**Figura 1** – Mapa da travessia do sertão por Spix e Martius (recorte). Mapa que integra a obra *Viagem pelo Brasil* (SPIX; MARTIUS, 2017)

## DE DIAMANTINA ATÉ A ENTRADA DO SERTÃO

O ponto de partida da nossa viagem, assim como no caso de Spix e Martius, foi a cidade de Diamantina (o antigo arraial do Tijuco). Seguimos de lá rumo ao norte, para o distrito de Minas Novas, onde os dois viajantes foram conhecer “as jazidas das outras pedras preciosas” (SPIX; MARTIUS, II, p. 65). No caminho em direção ao que hoje é chamado de “Circuito das Pedras Preciosas”, verificamos a grande transformação do meio ambiente que ocorreu desde os anos 1960: em trechos extensos, o Cerrado foi substituído por monoculturas de eucaliptos.

Passando pela pequena cidade de Turmalina, a comunidade de Buriti (onde se fabrica cerâmica artesanal) e a cidade de Minas Novas (que já foi um importante centro de comércio), chegamos à região de Araçuaí, conhecida pelas atividades de garimpo. Esse lugar é mencionado também no romance *Grande sertão: veredas*, quando o protagonista-narrador Riobaldo conta que, por precaução, retirou-se temporariamente de suas atividades como jagunço para trabalhar na mineração





**Figura 3** – Araçuaí – loja de pedras do Zé na Estrada

Em seguida, descemos até a confluência do rio Araçuaí com o Jequitinhonha, tendo como guia o sr. Zuim, que foi secretário da Educação na cidade de Araçuaí. Ele nos falou da situação da educação no sertão, nos dias de hoje:

Infelizmente os nossos governos tiraram os direitos do professor. Os professores dão aula por falta de opção. Hoje virou profissão ser estudante: tem menino de 30 anos que é estudante até hoje. Forma-se num curso superior, depois resolve passar para outro, e passar para mais outro. É bom ser estudante, né? Araçuaí tem uma escola muito boa. Mas o governo só deu importância à área urbana, esqueceu a área rural. Hoje em dia, ninguém quer ficar na área rural.

## **O SERTÃO, ENTRE OS RIOS JEQUITINHONHA E SÃO FRANCISCO**

Assim como os dois viajantes, atravessamos o rio Jequitinhonha numa balsa e entramos no Sertão, que era chamado pela gente do lugar como “terra de milagres, mas também de perigos” (SPIX; MARTIUS, 2017, II, p. 94). Passamos novamente por extensos eucaliptais, destinados ao fornecimento de celulose para a indústria e à produção de carvão vegetal. Em outros trechos do percurso ainda se manteve a

vegetação original do Cerrado, com suas árvores baixas e retorcidas, arbustos e o capim de cor amarela ou marrom (Figura 4). Dessa reduzida vegetação alimentam-se os bois da raça zebu nas fazendas (Figura 5).



**Figura 4** – Vegetação típica do Cerrado

Nessa travessia, Spix e Martius resumiram também o que consideraram as principais características dos sertanejos:

O sertanejo é criatura da natureza, sem instrução, rude e de costumes simples. Porém, é bem-intencionado, prestativo, nada egoísta e de gênio pacífico.

Seu modo de vestir é negligente. No serviço de vaqueiro ou nas caçadas, o sertanejo usa calças de couro, uma jaqueta e um chapéu de aba larga. Sua arma é um facão.

A solidão e a falta de ocupação espiritual arrastam-no para o jogo de cartas e dados, e para o amor sensual, no qual, incitado pelo seu temperamento insaciável e pelo calor do clima, goza com requinte. (SPIX; MARTIUS, 2017, II, p. 101-102).

Para ouvir a esse respeito também a opinião de pessoas da região, entrevistamos duas mulheres nascidas no sertão. A professora Rosa Amélia Pereira da Silva, que leciona no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília e pesquisa as narrativas dos sertanejos, nos contou:

Eu vejo o homem sertanejo como um homem simples. E a mulher sertaneja como uma mulher forte, que muitas vezes é mal interpretada, por causa dessa força e dessa

coragem. Porque ela enfrenta a vida, inclusive para sustentar a família, moral, ética e economicamente. As sertanejas são mulheres guerreiras.

Temos buscado o nosso papel na sociedade. Eu sou um exemplo disso, assim como outras mulheres, quando saímos do sertão de Minas e fomos para as grandes cidades em busca de instrução formal. Nós temos o nosso conhecimento popular, mas ele é desvalorizado numa sociedade que privilegia o conhecimento acadêmico. Em função disso, nós saímos para provar que conseguimos ser tão competentes como as pessoas que sempre estiveram em contato com o ambiente acadêmico.



**Figura 5** – Gado bovino pastando em uma fazenda

Ouvimos também a geógrafa Josy Dayanny Alves Souza, que trabalha na Universidade Federal de Goiás:

Eu também fui em busca do conhecimento e da instrução formal e percebi que existe uma instrução e um conhecimento popular que precisam ser valorizados. Não defendo que um deva se sobrepor ao outro. Eu considero, de acordo com a perspectiva da geografia de que sociedade e natureza estão conectadas, que o conhecimento formal e o conhecimento popular podem caminhar de mãos dadas e, assim, contribuir para que a gente tenha uma sociedade mais igualitária.

Vem ao caso também lembrar que foram muitos sertanejos, homens e mulheres, que construíram as cidades do Brasil.

A nossa próxima parada, Montes Claros, a antiga Formigas, foi descrita por Spix e

Martius como um centro de comércio no sertão. Como a cidade era famosa sobretudo pelas suas grutas de salitre, visitamos a mais importante, abrigada atualmente no Parque Estadual da Lapa Grande. A administradora e geógrafa Vivianne Lima e mais dois guias nos mostraram a gruta principal (ver Figura 6), onde também foram descobertos ossos de animais pré-históricos. O parque oferece ricos exemplos da vegetação do Cerrado, com elementos da Mata Atlântica.



**Figura 6** – Entrada da Lapa Grande, perto de Montes Claros

Continuamos a viagem para Brasília de Minas, a antiga Contendas. Nesse distrito, Spix e Martius realçaram a extraordinária fecundidade das mulheres e o crescimento da população. A nossa meta seguinte era chegar até o rio São Francisco. Em vez de

irmos diretamente até Januária, optamos por pegar a estrada de terra até a cidade de São Francisco, para conhecer em seguida também a paisagem à margem do rio. A partir da praça da igreja central, nessa cidade, abriu-se a vista para o Velho Chico. Fluindo tranquilo e majestoso, num azul profundo, debaixo de um céu igualmente azul, com o sol descendo, ele nos ofereceu uma vista linda (Figura 7). Isso foi, pelo menos, uma pequena compensação para o fato de não se encontrar mais aquela bela lagoa de aves, no alagadiço à margem do rio, paisagem que Spix e Martius descreveram como um “quadro da criação do mundo” (2017, II, p. 119; ver também a estampa 12 no *Atlas*, 1967).



**Figura 7** – O rio São Francisco, na cidade de São Francisco

## **A CIDADE DE JANUÁRIA E O PARQUE NACIONAL DO PERUAÇU**

Chegamos a Januária, antigamente chamada Porto do Salgado. Essa cidade foi um entreposto importante para salitre, açúcar, gado e produtos importados, sendo o transporte pela via fluvial bem mais barato que por meio de mulas. No lugar que restou do porto, conversamos com o pescador sr. Reinaldo, que também trabalha como guia turístico porque já não consegue sobreviver apenas por meio da pesca. Ele nos informou que o nível da água do São Francisco baixou muito durante as

últimas décadas. Tanto assim que, desde o final dos anos 1970, o rio não é mais navegável por vapores:

A pesca hoje está escassa, muito fraca mesmo. Os peixes estão precisando de mais água, mas não está tendo. Então o peixe vai sumindo. Antigamente, tudo isso aqui era água. Mas o nível do rio baixou muito. O que causou essa diminuição da água, como o pessoal comenta, tem sido o desvio para outros lugares. Antigamente, os navios a vapor encostavam no cais da cidade. Hoje não passam mais.

No centro de Januária visitamos o Mercado, onde tem uma grande diversidade de produtos da região: queijos, rapadura, farinhas, carne, óleos, pimenta, cachaças, artigos de couro, cerâmica artesanal e muito mais (Figura 8). A esse respeito, Spix e Martius (2017, II, p. 126) observaram que “o comércio e a riqueza já trouxeram para cá sociabilidade e costumes amenos”. Eles realçaram também a importância da cana-de-açúcar e de seus derivados, a rapadura e a cachaça, produzidos nos engenhos de Januária. Fomos conhecer um alambique nos arredores. Nas etiquetas dos diversos tipos de cachaça são mencionadas também as suas qualidades medicinais. Seria interessante comparar as doenças ali indicadas com as observações de Spix e Martius sobre as doenças e as plantas curativas daquela região.



**Figura 8** – Mercado de Januária

Em momentos posteriores de sua expedição – na Bahia, perto do riacho do Bendegó, e na Amazônia, nas margens do rio Japurá –, os viajantes encontraram

desenhos rupestres dos indígenas. Nós fomos conhecer esse tipo de desenhos num local onde ainda não tinham sido encontrados na época de Spix e Martius: a 30 quilômetros ao norte de Januária, no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, que foi criado em 1997 e está aberto para visitas guiadas desde 2016. Por uma trilha caminhamos até a Lapa dos Desenhos. Os indígenas fizeram essas pinturas com pigmentos naturais – vermelho, bege, marrom e preto –, representando figuras humanas, animais e alguns produtos, como pés de milho (Figura 9).

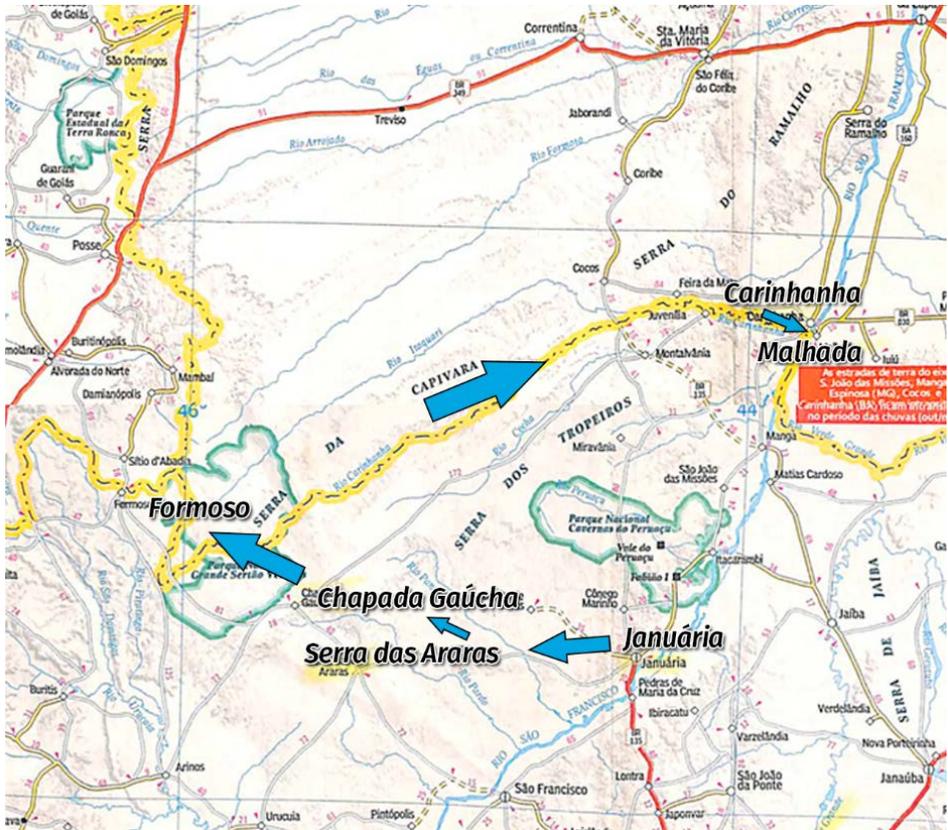


**Figura 9** – Pinturas rupestres indígenas no Parque Peruaçu

A respeito dessas pinturas, que datam de 6 mil a 9 mil anos atrás, o nosso guia, o sr. Joaquim, explicou: “Isso aqui é praticamente um livro que os antepassados deixaram para os que vieram depois, para saberem o que existia naquela época”.

## **BEIRANDO A SERRA DAS ARARAS ATÉ A CHAPADA GAÚCHA**

Seguindo a rota dos viajantes, fomos de Januária em direção ao oeste (Figura 10), sempre em estrada de terra, até chegar ao Parque Estadual Serra das Araras, criado em 1998.



**Figura 10** – Mapa do nosso percurso – II: de Januária até a fronteira com Goiás e, de lá, de volta ao rio São Francisco, nas cidades de Carinhanha e Malhada. Fonte: Guia Quatro Rodas: Mapa Brasil 2007 (Reprodução)

Entrando no parque, em direção ao lugarejo Vão dos Buracos, encontramos o sr. Waldemar, que se assentou ali num rancho (Figura 11) para manter esse terreno que pertence à sua esposa, que vive e trabalha em Goiânia. O sr. Waldemar é um dos sobreviventes de uma família de oito filhos, dos quais cinco morreram de fome. Ele nos convidou para conhecer o lugar, onde cria algumas galinhas e dois porcos, planta mandioca e instalou uma pequena horta, que produz o básico para o seu sustento.



**Figura II** – Sr. Waldemar no seu rancho

Continuando a nossa viagem para oeste, chegamos à Chapada Gaúcha, sede de um município fundado nos anos de 1970 e que tem atualmente cerca de 12 mil habitantes. A chapada, na qual a vegetação original do Cerrado foi substituída por campos de cultivo de soja, milho e sementes de capim, tornou-se um centro do agronegócio (Figura 12).

Nessa região, Martius tinha notado extensas queimadas, método tradicionalmente usado pelos indígenas e os sertanejos para prepararem as terras para o cultivo. Ele notou que, “pela atividade civilizatória deste país em vigoroso progresso, a natureza está sendo transformada em muitos aspectos”. E fez votos para que se iniciassem, sem demora, mais investigações sobre a flora e fauna do Cerrado, “antes que a mão destruidora e transformadora do homem tenha obstruído ou desviado o curso da natureza” (SPIX; MARTIUS, 2017, II, p. 140).



**Figura 12** – Na “agrochapada” da Chapada Gaúcha

Martius considerou, portanto, os dois lados da atividade civilizatória: o progresso da agricultura; e a destruição da natureza. O bioma Cerrado, que é o segundo maior do Brasil, depois da Floresta Amazônica, abrange uma área de dois milhões de km<sup>2</sup>, o que corresponde a cerca de 24% do território nacional e representa a maior reserva de nascentes de água do Brasil. Ora, o Cerrado é o bioma que vem sofrendo a maior percentagem de devastação. A partir da década de 1970, por causa do avanço da fronteira agrícola – gado, soja e milho –, 46% de sua vegetação natural já foi destruída; “de 2000 a 2015, o cerrado perdeu 236 mil km<sup>2</sup> de cobertura vegetal, uma área quase do tamanho do estado de São Paulo” (LEITE, 2017; 2018). Isso afeta seriamente a biodiversidade e representa um grave problema para o abastecimento hídrico do país.

Quanto ao município da Chapada Gaúcha, parece-nos que ali se conseguiu lidar de forma equilibrada com os dois lados da questão. O progresso civilizatório é representado pela cooperativa, que organiza a produção e venda de soja, milho e sementes de capim. A qualidade de vida dos habitantes nos pareceu ser uma das melhores dentre os lugares que visitamos. E existe também um cuidado com o meio ambiente, como demonstra a criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, cuja sede localiza-se na Chapada Gaúcha.

No centro da cidade, cruzamos caminho com o sr. Eloy Baron, que foi um dos fundadores e ex-prefeito desse município. Ele relatou o início das atividades agrícolas no ano de 1976, quando agricultores gaúchos foram atraídos pelo Projeto de Assentamento Dirigido à Serra das Araras (PADSA), recebendo terras para o cultivo:

Vim morar aqui em 1979. Tinha apenas quatro moradores e eu fui o quinto morador. Eu trabalhava com caminhão, fazendo frete do Rio Grande do Sul para cá. Aí a Chapada começou a crescer. Fui eleito o primeiro presidente da Associação Comunitária. Houve uma evolução na criação de escolas. Instalamos um Lar da Criança, uma escola da primeira à quarta série, e também até o oitavo ano; depois, uma escola de Segundo Grau. Hoje tem faculdade na Chapada Gaúcha. A evolução foi muito rápida. Com a vinda da população para cá, foi gerado emprego: na construção, no transporte e na lavoura, com as plantações de soja e semente de capim.

Quando chegamos à Chapada Gaúcha, já estava começando a Festa dos Povos do Grande Sertão Veredas, que acontece anualmente na segunda semana de julho e que teve em 2018 a sua 17ª realização (Figura 13). Na sexta-feira à noite chegaram os participantes da “Caminhada sócio-eco-literária”. Durante sete dias, os caminhantes ficam conhecendo alguns dos principais lugares descritos por Guimarães Rosa no seu romance *Grande sertão: veredas*. Chamamos a atenção para o fato de que existem várias coincidências entre o trajeto do protagonista-narrador Riobaldo e o dos viajantes naturalistas (cf. BOLLE, 2018a).



**Figura 13** – Festa dos Povos de Grande Sertão Veredas

Na grande praça da festa, trabalhadores e artesãos sertanejos oferecem os seus produtos, e instituições de saúde, de cultura e escolas informam sobre as suas atividades. A vice-diretora da Escola Estadual Serra das Araras, a professora Vera Lúcia Santos Pereira, contou-nos sobre a organização dos eventos culturais:

Para a história da cultura neste município contribuíram muito os tocadores e as dançadeiras. Alguns dos moradores aqui vêm de comunidades antigas, como do Ribeirão da Areia. Juntamente com eles e os alunos das nossas escolas, queremos demonstrar o trabalho dessas pessoas. Uma das contribuições marcantes são as danças tradicionais, especialmente a dança de São Gonçalo, e também a Folia de Reis e a dança de roda. A essa cultura mineira vieram se somar também as danças tradicionais gaúchas.

## **ATÉ A FRONTEIRA COM GOIÁS**

Da chapada, os viajantes desceram até o Ribeirão dos Bois, que deságua no rio Carinhonha. Nós refizemos esse trajeto, apreciando a água límpida desses dois rios e a bela vegetação tropical em suas margens. Seguindo em direção ao oeste, entramos no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, acompanhados pelo guia Elson, que nos fez conhecer ali uma bela vereda (Figura 14):

Vereda é uma fitofisionomia do Cerrado, onde é muito abundante a presença da palmeira buriti, a *Mauritia flexuosa*, além de outros tipos de vegetação. Geralmente nas veredas, a gente encontra água, vida, animais. A vereda é como se fosse um oásis no deserto do sertão. Tanto assim que, no romance *Grande sertão*, o Guimarães Rosa, com dois pontos destaca as *Veredas*, que são um diferencial em relação ao Cerrado.



**Figura 14** – Uma vereda

O parque é delimitado ao norte pelo rio Carinhanha, que Spix e Martius atravessaram numa jangada feita de troncos de buriti. Nós também encontramos ali uma balsa desse tipo (Figura 15), mas era pequena, não servindo para transportar o nosso carro. Escolhemos, então, uma estrada que passa ao sul do Parque Grande Sertão Veredas.



**Figura 15** – Homem atravessando o rio Carinhanha numa balsa de troncos de buriti

A caminho para a pequena cidade de Formoso, no extremo oeste de Minas Gerais, tivemos a sorte de presenciar uma grande revoada de araras-canindés (Figura 16).



**Figura 16** – Revoada de araras-canindés

## **VOLTANDO ATÉ O RIO SÃO FRANCISCO**

Pouco depois de Formoso, defrontamo-nos com a Serra Geral de Goiás, que é o divisor de águas entre os afluentes orientais do rio Tocantins e os ocidentais do rio São Francisco. Nesse ponto, Spix e Martius deram meia-volta, retornando para o rio São Francisco. Por um caminho mais ao norte, passaram pelo rio Formoso e depois novamente pelo rio Carinhanha, até a sua foz, na cidade de Carinhanha.

Como não existe uma boa estrada rodoviária para refazer esse trecho, optamos por antecipar a nossa ida ao rio Formoso e aos pontos finais da travessia do sertão de Minas Gerais pelos viajantes naturalistas. De Januária, antes de ir diretamente para o oeste até a fronteira com Goiás, fomos em direção ao norte, via Manga e Cocos, até Jaborandi, às margens do rio Formoso. Ao avistar esse rio, pudemos confirmar plenamente a descrição feita por Spix e Martius (2017, II, p. 155): “O rio Formoso bem merece tal epíteto, pois os seus arredores parecem um extenso jardim, no qual a natureza reuniu tudo que a imaginação de um poeta escolheria para morada de ninfas ou de fadas”.

De lá, voltamos ao rio Carinhanha e, acompanhando-o até a sua foz, chegamos finalmente à cidade de Carinhanha, à margem do São Francisco. O arraial de Carinhanha e, do outro lado do rio, o de Malhada eram, no início de século XVIII, os postos de fronteira entre as províncias de Pernambuco e de Minas Gerais, tendo como principais riquezas a pecuária e o sal, que animavam o comércio local. Hoje ambas as cidades fazem parte do estado da Bahia. No museu de Carinhanha, na Casa do Careta, encontramos uma rica documentação sobre a história do transporte fluvial,

com imagens dos vapores que navegavam pelo rio São Francisco até os anos 1970. Visitamos o principal historiador da cidade, o sr. Honorato Ribeiro dos Santos, autor dos livros *História de Carinhanha* e *Carinhanha de ontem e de hoje*. Ele publicou também o poema-livro *A Morte do Velho Chico*, do qual apresentamos aqui uma síntese:

Aqui está a minha história  
de um rio que está para morrer.

De rio-mar virou riacho,  
Está magro, feio e sujo.  
De tão seco que está baixo,  
cheio de ilhotas e coroa.

As matas estão derrubando  
para os fornos de carvão.

Onde está o Velho Chico  
com seus navios a vapor?  
Ah, que saudades que tenho!  
Dos apitos dos vapores.

O pescador sofredor  
lamenta ver tanto horror!  
Cadê o peixe, meu irmão?!  
Os peixes estão escassos,  
Muitos estão em extinção.

Bem-te-vi não canta mais  
Na beira do São Francisco!  
Tudo virou uma tristeza.

Tudo aqui vira deserto,  
culpa da desmatção,  
esgotos podres a jorrar,  
tantos lixos a amontoar.

Mata-se o ecossistema,  
sem nenhuma correção.

Quem defende o Velho Chico  
são os poetas do Sertão.  
Não são os legisladores  
Que governam no plantão.

Se este rio morrer,  
morre o povo do sertão.

Carinhanha e Malhada estão conectadas, já faz dez anos, por uma ponte moderna. Passando por ela até o lado de Malhada, constatamos que essa cidade é menor e mais simples. Na beira do São Francisco, encontramos algumas mulheres lavando as roupas no rio, conforme a tradição secular (Figura 17).



**Figura 17** – Lavadeiras na cidade de Malhada

As tradicionais comunidades ribeirinhas são descritas detalhadamente na coletânea *Etnocartografias do Rio São Francisco* (2013), organizada por Maristela Borges e Alessandra Leal. Um dos ensaios, o de Andrea Rocha de Paula (2013), retrata os diversos tipos de gente do rio (barqueiros, pescadores, ribeirinhos) e do Cerrado (vaqueiros, jagunços, sertanejos), no contexto das atividades econômicas.

Em Malhada, Spix e Martius reembalaram as suas coleções e partiram de lá, em fins de setembro de 1818, pelos sertões da Bahia, rumo a Salvador.

### **E AINDA: UMA CAMINHADA PELO CERRADO...**

A “Caminhada sócio-eco-literária” acima referida tem sido organizada, desde 2014, sempre no mês de julho, por uma ONG do município de Arinos (MG), a Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Vale do Urucuia. Inspirado pela obra de Guimarães Rosa, esse “Caminho do Sertão” sai do assentamento de Sagarana (nome inspirado na obra de estreia do autor), atravessa a região do vale do Urucuia e a Serra das Araras, e termina na entrada do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, poucos quilômetros depois da Chapada Gaúcha. Em julho de 2017, ano do cinquentenário da morte do escritor, a caminhada foi registrada por uma equipe de televisão da GloboNews, no filme documentário *Sertanias*<sup>4</sup>. Nessa ocasião, também Willi Bolle

---

4 O filme (54 minutos) foi exibido em 19 de novembro de 2017. A direção e o roteiro são de Juliana Dametto Guimarães Rosa e Alexandre Roldão; a fotografia é de Sandiego Fernandes.

participou da caminhada, em companhia de professores e pesquisadores, artistas e interessados em geral. Ele passa a relatar a sua experiência em primeira pessoa.

\*\*\*

Essa caminhada de 178 km, realizada durante sete dias e com pernoites em barracas, permitiu-nos sentir concretamente a topografia do sertão real: a fitofisionomia do Cerrado, com matas de árvores baixas e retorcidas, alternando com trechos de capim selvagem, fazendas de gado e sítios de agricultura familiar, além da beleza do rio Urucuia. Mas há também extensos trechos em que o Cerrado foi desmatado: inicialmente, em função da produção de carvão e, nas últimas décadas, em prol de grandes fazendas do agronegócio. Um contraponto a essas destruições são os parques naturais destinados a preservar o Cerrado: o de Grande Sertão: Veredas, criado em 1989, e o da Serra das Araras, criado em 1998.

Durante essa caminhada nós nos deparamos com lugares e situações que incentivam comentários sobre temas do romance *Grande sertão: veredas*, o que leva também a uma reflexão sobre a importância do Sertão para o Brasil. Um exemplo são as veredas mortas pelas quais passamos. Elas morreram em consequência do desmatamento e do desperdício de água em função do agronegócio. Lembramo-nos, então, das “Veredas-Mortas”, onde Riobaldo fez o pacto com o Diabo (ROSA, 1967, p. 316-320). E também da peça teatral *Fausto II*, em que Goethe (2007, p. 892-905) apresenta uma visão crítica do processo de modernização, sendo que o seu protagonista pactário usa o progresso tecnológico de uma forma que acarreta a destruição do meio ambiente.

Outro grave problema são os conflitos em torno da terra. Uma moradora relatou como o seu pai, um modesto agricultor, foi assassinado por um latifundiário acompanhado por seus jagunços. O depoimento dela está gravado também no referido filme documentário *Sertanias*. Com a descrição do “sistema jagunço”, Guimarães Rosa apresenta, de fato, o retrato de uma sociedade na qual o crime faz parte do sistema social e político.

Há também algumas perspectivas positivas. Na comunidade do Vão dos Buracos, onde está instalada uma escola com um bem organizado Cantinho de Leitura, conversei com a professora Rosa Amélia da Silva, que fez parte da nossa caminhada. No seu livro *Travessias literárias em perspectiva interacionista: teoria e prática* (2016), ela descreve a sua experiência com cirandas de leitura no sertão do rio Urucuia. Como ela realça, Guimarães Rosa deu um valor para o povo simples do sertão, mostrando em sua obra que esse povo tem os mesmos conflitos existenciais que as pessoas que vivem em qualquer outra parte do mundo.

Uma rica amostra da cultura sertaneja presenciamos também no Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, na Chapada Gaúcha. Com o nome da festa, é evocada mais uma vez a importância de Guimarães Rosa, o qual, com a forma de escrita do seu romance, chama a atenção para a falta de diálogo entre as classes, no Brasil: entre os que se expressam por meio da norma culta e os que falam a língua do povo. O projeto

literário-cultural e político-social do escritor consiste em enfrentar esse problema com a proposta de uma reinvenção da nossa língua – convidando, com isso, também os letrados para uma reflexão sobre o uso que fazem do seu letramento.

### **... E UMA CAMINHADA PELA CAATINGA (BOLLE, 2018B)**

Em março de 2018, refizemos de carro um trecho da expedição de Spix e Martius (2017, II, p. 277-309) pelo sertão da Bahia, de Salvador até Monte Santo e o riacho de Bendegó. Em seguida, participamos de uma caminhada coletiva pela Caatinga: da cidade de Uauá até Canudos.

Monte Santo deveu o seu desenvolvimento sobretudo ao capuchino Frei Apolônio de Todí, que organizou ali, a partir de 1775, a construção de uma Via Sacra, transformando o arraial num importante lugar de peregrinação. Assim como Spix e Martius, fomos de lá até o riacho de Bendegó, local da queda de um meteorito, que foi transportado, em 1888, para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Esse meteorito resistiu ao incêndio que destruiu o museu em 2 de setembro de 2018.

Em seguida, fomos até Uauá, onde um grupo de artistas organiza anualmente, desde 2015, a “Caminhada dos Umbuzeiros”, em referência a uma árvore de frutas que são um importante produto comercial desse município. A caminhada de três dias, num percurso de 52 km e com pernoites em barracas, é feita em homenagem a Antônio Conselheiro, terminando em Canudos Velho, perto do local onde esse líder religioso carismático conseguiu reunir nos anos 1890 uma comunidade que chegou a ter 25 mil habitantes. A crescente migração de mão de obra para Canudos deixou ressentidos os grandes proprietários. Eles se ligaram, então, ao clero tradicional e exigiram do governo da recém-instaurada República medidas contra o Conselheiro e seus seguidores. Assim, a partir de 1896, Canudos tornou-se o alvo de uma campanha do Exército brasileiro.

Durante a nossa travessia da Caatinga, tivemos uma sensação concreta desse bioma, que abrange quase 10% do território do Brasil, ocupando uma área de 800 mil km<sup>2</sup>: a maior parte dos estados do Nordeste, desde a Bahia, passando por Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, até o Piauí e o Maranhão. Sentimos a falta de água e a seca, que se estende em média por oito meses. Quanto à vegetação, que foi detalhadamente descrita por Spix e Martius, identificamos a catingueira, a favela, a cansanção e a macambira, e os cactos: mandacaru, xique-xique e cabeça-de-frade – além dos umbuzeiros, com suas frutas refrescantes. A região, que é pouco apropriada para a agricultura, é aproveitada para a criação de algum gado, sobretudo caprino, principal fonte de renda dos moradores. Passamos por várias casas simples, que são abastecidas com água e, desde recentemente, também com luz elétrica. Nesses locais, tivemos algumas breves conversas com os moradores.

Caminhando ao longo do rio Vaza-Barris, cujo leito estava seco, e atravessando um trecho da Serra do Caipã, chegamos ao povoado de Canudos Velho, construído a partir de 1910 e situado à margem do açude criado nos anos 1960 com o represamento do Vaza-Barris. A Canudos histórica, destruída em 1897, foi completamente submersa por esse açude. Perto da barragem foi construída, a partir do final dos anos 1960,

a Nova Canudos. Na beira do açude, o historiador Roberto Dantas, que também participou da caminhada, apresentou um resumo da Guerra de Canudos (DANTAS, 2011; GALVÃO, 2001; e sobretudo CUNHA, 1902).

O que nos proporcionou uma visão panorâmica dos diferentes cenários daquela campanha foi a vista do alto do Monte Santo, onde consultamos, ao mesmo tempo, o mapa que integra o livro de Euclides da Cunha. Em direção ao noroeste, situa-se Uauá, onde ocorreu, em novembro de 1896, a batalha da primeira expedição militar contra os conselheiristas, que terminou com a retirada dos soldados. Um pouco mais para a direita, avistam-se a Serra do Cambaio e a Serra do Caipã, cuja travessia nos deu uma ideia da sensação que devem ter experimentado os soldados da segunda expedição contra Canudos, que sofreram emboscadas e também foram obrigados a se retirar. Em direção ao nordeste localiza-se a Serra do Arati, que foi contornada pelos soldados da terceira expedição, que chegaram a invadir Canudos, mas foram derrotados no labirinto daquela “*urbs monstruosa*”.

Depois da nossa caminhada, fomos até o lado oposto da represa para visitar o Parque Estadual de Canudos, com o Alto da Favela, o principal ponto estratégico na fase final da guerra. Ali tinha sido aprisionada a primeira das duas colunas da quarta e última expedição, mas ela foi liberada pela segunda coluna, que conseguiu passar pela Serra de Cocorobó. Depois de ter fechado o cerco ao redor de Canudos, em setembro de 1897, o Exército atacou o arraial com artilharia pesada, bombas de dinamite e a investida dos soldados. No início de outubro, Canudos acabou sendo completamente destruída. Os prisioneiros – homens, mulheres e crianças – foram degolados pelos soldados. No seu retrospecto, Euclides da Cunha (2016, p. 11) faz este balanço: “Aquela campanha [...] foi, na significação integral da palavra, um crime”.

O que significa Canudos hoje? Com a palavra “favela”, nome de uma planta local espinhosa, usada para designar o Alto da Favela, a história de Canudos projetou-se em âmbito nacional e global. Quando os soldados, depois da guerra, retornaram ao Rio de Janeiro, eles instalaram-se em barracos num local que passaram a chamar de Morro da Favela. Ao longo das décadas seguintes, esse e outros bairros precários, as chamadas *favelas*, cresceram em grande escala. No Brasil, cerca de 12 milhões de pessoas moram atualmente em favelas. O geógrafo e historiador Mike Davis descreve a nossa Terra como *Planeta Favela* (2006). Como ele informa, o aumento atual da população nas favelas do mundo inteiro é da ordem de 25 milhões de pessoas por ano.

## **BALANÇO FINAL: A IMPORTÂNCIA DO SERTÃO PARA O CONHECIMENTO DO BRASIL**

Chegou a hora de fazermos um balanço, respondendo à pergunta: o que essas travessias do sertão nos ensinam sobre a importância dessa região para o conhecimento do Brasil? Para começar, podemos dizer que o relato de Spix e Martius é um estímulo importante para relermos as obras-primas de Guimarães Rosa e de Euclides da Cunha, que apresentaram o sertão de forma a ele tornar-se parte dos temas da literatura universal.

Com o fato de Spix e Martius terem escolhido os sertões – de Minas Gerais até o Maranhão, num percurso que durou um ano inteiro – como a parte central de sua *Viagem pelo Brasil*, eles foram precursores da obra matricial *Os sertões* (1902), que inspirou os retratos do Brasil escritos durante o século XX por autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr. e João Guimarães Rosa, entre outros<sup>5</sup>. O caráter precursor do pensamento de Martius (1982) pode ser verificado também pela importância que ele deu à miscigenação para a escrita da história do Brasil. Essa questão, que diz respeito à identidade nacional, foi retomada por Euclides da Cunha, mas de forma contraditória, na medida em que ele apresenta a campanha de Canudos como uma intervenção do Exército, em nome da “nação inteira”, contra a sociedade sertaneja, que ele caracteriza como “o cerne vigoroso da nossa nacionalidade” (CUNHA, 2016, p. 232 e 103).

Em termos topográficos, políticos e simbólicos, a importância do sertão foi confirmada com a implantação da capital federal, Brasília, a partir de 1960, no planalto central do país (cf. a documentação in: BEZERRA, 2012). Os construtores da nova capital foram sertanejos; eles ergueram também outras grandes cidades brasileiras, como São Paulo, e tornaram-se parte de sua população. Com isso, teve que ser repensada radicalmente a relação entre campo e cidade, o que ocorre de forma exemplar no romance de Guimarães Rosa, no qual o protagonista-narrador, o jagunço letrado Riobaldo, tem como interlocutor um doutor da cidade e, num certo momento do seu relato, tem a visão de uma migração maciça dos habitantes do sertão para as grandes cidades (ROSA, 1967, p. 295).

Como região central do agronegócio, o sertão tem uma importância fundamental para a economia brasileira. Juntamente com a expansão da fronteira agrícola, deve ser pensada também a questão da preservação ambiental, como nos fazem lembrar Spix e Martius com suas advertências, feitas 200 anos atrás.

E, por fim, mas não menos importante, merece um destaque especial a cultura sertaneja. Com as obras-primas *Os sertões* e *Grande sertão: veredas*, essa região, como representação do Brasil, ganhou uma projeção de alcance mundial<sup>6</sup>. Ao mesmo tempo, as palavras *sertão* e *favela*, que foram incorporadas também aos dicionários de outras línguas, como o francês e o alemão, passaram a circular em âmbito internacional.

---

5 Ver o estudo desses retratos do Brasil em: Bolle, 2004.

6 Além dessas obras-primas, merecem ser consideradas também as obras de outros autores do Sertão, como Afonso Arinos, Cora Coralina, Bernardo Élis, Mário Palmério, Hugo de Carvalho Ramos e José J. Veiga, como defendem Ana Clara Magalhães de Medeiros e Augusto Rodrigues da Silva Jr., que são co-organizadores do livro *Os parceiros de Águas Lindas* (2018). Eles também coordenaram em 2018, no Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), o simpósio “Poéticas do Cerrado”.

## SOBRE OS AUTORES

**WILLI BOLLE** é professor titular de Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

E-mail: willibolle@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0002-5909-4000>

**ECKHARD E. KUPFER** é diretor do Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão.

E-mail: ekupfer@martiusstaden.org.br

<https://orcid.org/0000-0002-8138-6843>

Os dois autores organizaram os volumes de ensaios *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs* (2013) e *Relações entre Brasil e Alemanha na época contemporânea* (2015).

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Miguel Joaquim. *UnB – 50 anos com Brasília, 1962-2012*. Brasília: Edição do Autor, 2012.

BOLLE, Willi. *grandesertão.br* – o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.

\_\_\_\_\_. A travessia do sertão por Martius e por Riobaldo. In: PASSOS, Cleusa R.; ROSENBAUM, Yudith; VASCONCELOS, Sandra G. (Org.). *Infinitamente Rosa: 60 anos de Corpo de baile e de Grande sertão: veredas*. São Paulo: Humanitas, 2018a, p. 275-299.

\_\_\_\_\_. Uma travessia da Caatinga, seguindo os passos de Spix/Martius e de Euclides da Cunha. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 2018, Uberlândia. *Anais...*, v. III, 2018b, p. 3994-4002. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2018\\_1547745885.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547745885.pdf)>. Acesso em: jan. 2019.

BORGES, Maristela Corrêa; LEAL, Alessandra Fonseca (Org.). *Etnocartografias do Rio São Francisco: comunidades tradicionais ribeirinhas do Norte de Minas Gerais*. Uberlândia: Edufu, 2013.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica org. por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora; Edições Sesc, 2016 [1ª ed., 1902].

DANTAS, Roberto Nunes. *Canudos: novas trilhas*. Salvador: Editora e Gráfica Santa Bárbara, 2011.

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. Tradução: Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

DIENER, Pablo; COSTA, Maria de Fátima. *Martius*. Rio de Janeiro: Ed. Capivara, 2018.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império do Belo Monte: vida e morte em Canudos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto: uma tragédia*. Segunda parte. Tradução: Jenny Klabin Segall. Apresentação, comentário e notas de Marcus Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2007.

HUMBOLDT, Alexander von. *Relation historique du Voyage aux Régions équinoxiales du Nouveau Conti-*

- ment. 3 vols. Ed. org. por Hanno Beck. Stuttgart: Brockhaus, 1980 [Reimpressão da edição original de 1814-1825].
- LEITE, Marcelo. Bye bye cerrado. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 12/11/2017, p. B 9.
- \_\_\_\_\_. INPE lança sistema público para vigiar destruição do cerrado em tempo real. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 28/9/2018, p. B 5.
- LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. A viagem de Spix e Martius pelo Brasil oitocentista. *Martius-Staden-Jahrbuch*, n. 62, 2018, p. 20-42.
- MEDEIROS, Ana Clara Magalhães de et al. (Org.). *Os parceiros de Águas Lindas: ensino de literatura pelas letras de Goiás*. Goiânia: Pé de Letras, 2018.
- MARTIUS, Carl F. P. VON. Como se deve escrever a história do Brasil. Tradução: Wilhelm Schüch. In: \_\_\_\_\_. *O Estado do direito entre os autóctones do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982, p. 85-107 [O texto original foi publicado em 1845].
- PÁDUA, José Augusto. Um país e seis biomas – Ferramenta conceitual para o desenvolvimento sustentável e a educação ambiental. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Desenvolvimento, justiça e meio ambiente*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2009, p. 118-150.
- \_\_\_\_\_. Martius e a construção do território brasileiro. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, n. 62, 2018, p. 56-68.
- PAULA, Andrea Narciso Rocha de. O sertão das águas: o Velho Chico e suas gentes de rio e beira-rio. In: BORGES, Maristela C.; LEAL, Alessandra F. (Org.). *Etnocartografias do Rio São Francisco*. Uberlândia: Edufu, 2013, p. 71-102.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967 [1ª ed., 1956].
- SANTOS, Honorato Ribeiro dos. *A Morte do Velho Chico*. Carinhanha-BA, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Carinhanha de ontem e de hoje*. Carinhanha-BA, s. d.
- \_\_\_\_\_. *História de Carinhanha*. Carinhanha-BA, 2006.
- SILVA, Rosa Amélia Pereira da. *Travessias literárias em perspectiva interacionista: teoria e prática*. Arinos: Edição do Autor, 2016.
- SPIX, Joh. Bapt. von; MARTIUS, Carl Friedr. Phil. von. *Reise in Brasilien in den Jahren 1817-1820*. Ed. org. por Karl Mägdefrau. Stuttgart: Brockhaus, 1980. 3 v. [Reimpressão da edição original de 1823-1831].
- \_\_\_\_\_. “Atlas” ou *Tafelband* [= v. IV de *Reise in Brasilien in den Jahren 1817-1820*]. Ed. org. por Karl Mägdefrau. Stuttgart: Brockhaus, 1967 [Com tradução para o português, revisada por Helmut Sick].
- SPIX; MARTIUS. *Viagem pelo Brasil, 1817-1820*. Tradução: Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Edições do Senado Federal, 2017. 3 v.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.